

O Banco Central *dirida pública* adverte o open

* 5 SET 1980

por Célia de Gouvêa Franco
de São Paulo

GAZETA MERCANTIL

POLÍTICA MONETÁRIA

O Banco Central ...

por Célia de Gouvêa Franco
de São Paulo
(Continuação da 1ª página)

Haddad procurou, ontem, desfazer esses receios.

Em julho, o Banco Central retirou cerca de Cr\$ 3 bilhões do sistema bancário através do open market. A retirada, em agosto, foi "substancial". Apesar desse "enxugamento", o custo dos financiamentos das LTN foi de 2,85% ao mês, segundo os cálculos do BC. Ou seja, abaixo da sua remuneração, de 3,15%. Assim, argumentou Haddad, essa política de contenção poderá continuar sem que a liquidez no open se torne muito apertada, o que poderia trazer prejuízos para as instituições financeiras que têm LTN em suas carteiras. Não é isso, porém, o que está acontecendo: "Quem comprou Letras nos oito úl-

timos leilões do BC está ganhando dinheiro, a menos que já tenha vendido".

O diretor do BC contrapôs às previsões mais pessimistas a garantia de que o governo considera que há lugar para os dois papéis, que não é uma questão de valorizar mais um em detrimento do outro. "Queremos prestigiar os dois títulos. As instituições devem ter em suas carteiras os dois papéis. E muito mais saudável", comentou, lembrando ainda que o open market não está desvinculado do

restante da economia. Ao contrário, a atuação do BC leva sempre em consideração que essa é uma conta residual. Ou seja, que deve ser manejada conforme estiverem evoluindo outros setores essenciais. Neste mês, por exemplo, deve crescer o volume de recursos liberados pelo Banco do Brasil para custeio agrícola, o que poderá exigir uma utilização mais vigorosa dos instrumentos de política monetária, para impedir uma expansão exagerada da moeda.

O caminho da inflação menor

A expansão dos meios de pagamento e da base monetária neste ano deverá ficar entre 50 e 60%. A previsão é do diretor da dívida pública do Banco Central, Cláudio Haddad. "Não há inflação de 100% que resista a um crescimento de meios de pagamento e base monetária inferior a 60%", completou. Ele se baseia na evolução mais recente desses dois indicadores monetários: em agosto, por exemplo, embora ainda não se tenham os números definitivos, já se sabe que o comportamento da base monetária foi "bem melhor, ótimo mesmo".



Cláudio Haddad

Haddad também afirmou, em seu discurso durante o almoço que reuniu 183 empresários (a grande maioria do setor financeiro), que a opção do governo para diminuir a atual defasagem entre a correção monetária e cambial em relação à inflação foi buscar, com ainda maior ênfase, a queda da inflação, sabendo, no entanto, que alguns — como os poupadores — serão prejudicados este ano. E garantiu, mais uma vez, que a correção monetária não passará de 50% este ano e a desvalorização cambial ficará um pouco abaixo dessa taxa.

Com essas afirmações, o diretor do BC respondeu às preocupações dos empresários presentes, expressas, em parte, no discurso do presidente da Adeval, Ney Castro Alves. O ponto mais importante do pronunciamento de Alves, porém,

foi sua manifestação sobre a situação política. Disse ele: "O momento em que vivemos é extremamente delicado e não pode, portanto, ser visto apenas a partir de uma perspectiva econômico-financeira. Os recentes e lamentáveis episódios políticos das últimas semanas, determinados por radicais que não devem encontrar abrigo numa sociedade que pretende ser democrática, exigem uma postura crítica de todos nós. Pediria, portanto, dos companheiros uma pausa diária nas suas atividades específicas para refletir sobre ao que assistimos e de que forma cada um pode colaborar para atingir a compreensão da problemática, como passo para auxiliar na superação mais rápida possível desta fase traumática".

Os possíveis prejuízos com esses títulos preocupam o Banco Central, mas se considera também que essa tendência para compra apenas de Obrigações está prejudicando a colocação do outro papel federal de dívida pública — as Letras do Tesouro Nacional (LTN). Hoje, apesar do recente e substancial aumento na sua rentabilidade, ainda é relativamente reduzida a parcela de LTN em poder do setor privado: abaixo de 35%. Uma das explicações dadas por empresários para justificar esse desinteresse é a preocupação quanto à evolução da liquidez no open market neste final de ano.

(Continua na página 10)

Talvez nunca os operadores de open market e diretores de instituições financeiras tenham recebido um recado tão claro do governo, sobre sua atuação nesse mercado, como o transmitido ontem, em São Paulo, pelo diretor da dívida pública do Banco Central, Cláudio Luís da Silva Haddad. Em almoço promovido pela Associação das Empresas Distribuidoras de Valores (Adeval), Haddad afirmou taxativamente que o Banco Central não deseja que haja uma elevação especulativa e, exagerada dos preços de mercado das Obrigações Reajustáveis do Tesouro Nacional (ORTN). Não deseja e vai atuar no mercado financeiro para impedir que isso ocorra, disse, confirmando que, no dia anterior, o BC interveio no open market de maneira decisiva para forçar uma redução das cotações de ORTN para um nível que considera mais aceitável.

A tendência de alta dos preços desses papéis — os únicos que oferecem opção por correção cambial — deve-se, como admitiu Haddad, aos boatos sobre a possibilidade de adoção de uma maxidesvalorização, que, aliás, ele voltou a desmentir, como têm feito seguidamente autoridades governamentais. O diretor do BC lembrou que em duas ocasiões — uma recentemente, em maio deste ano — houve elevação substancial das cotações de ORTN, seguida de uma brusca queda, trazendo prejuízos para as instituições financeiras, para o mercado e para o próprio Banco Central. "Já vimos esse filme duas vezes, e não queremos sua repetição. Esta é uma situação perigosa. Recomendamos calma e cautela nas operações com papéis de renda variável", advertiu Haddad. Aparentemente, o mercado compreendeu todo o alcance da mensagem, pois, na tarde de ontem, houve uma queda dos preços de ORTN em relação às taxas constatadas de manhã.